

N^o 129

Coleção

TEXTOS ACADÊMICOS

Ano 2

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

FILOSOFIA E IDEOLOGIA: DEFINIÇÕES E APLICAÇÕES AO CIENTISMO TECNOCRÁTICO, MITOLOGIA SEXUAL E MARXISMO

Antonia Régia Mendonça Fernandes



Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Departamento de Filosofia, História e Geografia

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA, HISTÓRIA E GEOGRAFIA

FILOSOFIA E IDEOLOGIAS:
DEFINIÇÕES E APLICAÇÕES AO CIENTISMO
TECNOCRÁTICO; MITOLOGIA SEXUAL E MARXISMO

ANTONIA REGIA MENONCA FERREIRAS

Monografia apresentada à Universidade
Federal do Rio Grande do Norte, conforme Res.
nº 30/84, do CONSEPE, para fins de processo
seletivo, objetivando a inclusão de Auxilia-
res de Ensino e Professores Colaboradores na
referência inicial da Classe de Professor
Assistente.

PRÉ-REITORIA PARA ASSUNTOS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA
PROGRAMA DE ESTÍMULO AO TRABALHO INTELLECTUAL
NATAL, DEZEMBRO DE 1987



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA, HISTÓRIA E GEOGRAFIA

FILOSOFIA E IDEOLOGIA:
DEFINIÇÕES E APLICAÇÕES AO CIENTISMO
TECNOCRÁTICO, MITOLOGIA SEXUAL E MARXISMO

ANTONIA RÉGIA MENDONÇA FERNANDES

Monografia apresentada à Universidade Federal do Rio Grande do Norte, conforme Res. nº 30/81 do CONSEPE, para fins de processo seletivo, objetivando a inclusão de Auxiliares de Ensino e Professores Colaboradores na referência inicial da Classe de Professor Assistente.



PRÓ-REITORIA PARA ASSUNTOS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

PROGRAMA DE ESTÍMULO AO TRABALHO INTELECTUAL

NATAL, FEVEREIRO DE 1982

PRÓ-REITORIA PARA ASSUNTOS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

PROGRAMA DE ESTÍMULO AO TRABALHO INTELECTUAL

COLEÇÃO TEXTOS ACADÊMICOS, 129

REITOR: Prof. Diógenes da Cunha Lima

VICE-REITOR: Prof. Esequias Pegado Cortez Neto

PRÓ-REITOR DE EXTENSÃO: Prof. Pedro Simões Neto

COORDENADORES DO PROGRAMA: Heloísa Carmen Lordão Monteiro

Maria Salete Pereira da Silva

João Afonso do Amaral

EQUIPE DE APOIO: Jacinta Leite de Oliveira

Pedro Gutemberg Pinheiro de Souza

Roberto Anderson da Silva

José Tavares Filho



Fernandes, Antonia Régia Mendonça.

Filosofia e ideologia: definições e aplicações ao cientismo tecnocrático, mitologia sexual e marxismo. Natal, PRAEU, 1982.

26f.

Monografia (concurso) Univ. Fed. Rio Grande do Norte.

1. Filosofia - Monografias. 2. Ideologia - Monografias. I. Título.

CDU 1 (043.3)

A Universidade Federal do Rio Grande do Norte mantém um programa de estímulo ao trabalho intelectual que nasceu da necessidade de valorizar e difundir a produção intelectual acadêmica. Consiste, basicamente, na reunião de todas as dissertações, teses e monografias elaboradas por Professores da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, num espaço físico a que denominamos "Banco de Estudos Universitários" e que serve como fonte de consulta à toda comunidade acadêmica.

A partir da classificação desses trabalhos, uma comissão composta por membros do Conselho Editorial e representantes dos departamentos acadêmicos, seleciona obras representativas de suas áreas, para publicação.

O programa prevê a edição de duas coleções: Estudos Universitários, com livros impressos em off-set pela Editora Universitária e Textos Acadêmicos, reproduzidos pelo sistema de mimeógrafo, pelo grupo técnico da coordenação do programa, na sede da Pró-Reitoria para Assuntos de Extensão Universitária.

A UFRN pretende editar cerca de 400 títulos através das duas coleções, ao mesmo tempo em que publica um Catálogo Geral, demonstrativo de todo o esforço intelectual da comunidade universitária norte-rio-grandense.

É um programa ambicioso, mas simples e concreto como a vontade de fazer. Na medida em que estabelece um volume quantitativamente ousado de títulos para publicação, adota uma definição técnica no mínimo humilde para realizá-lo: a opção do mimeógrafo para a maioria das edições.

Há de ser reconhecido que a produção intelectual das Universidades tem sido dirigida para objetivos que escapam à produção ou transmissão de conhecimentos: promove currículos acadêmicos, ou é confinada em prateleiras. Em ambas as hipóteses, o ineditismo dos trabalhos conspira contra os seus verdadeiros desígnios.

Nosso programa atende ao objetivo maior de difundir o conhecimento assimilado ou produzido pela Universidade, revalorizando o esforço intelectual dos professores ao mesmo tempo em que estimula a sua aplicação. E nenhuma outra pretenção nos orienta.

Diógenes da Cunha Lima
Reitor

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul possui um programa de trabalho no campo intelectual que busca a modernização da universidade e a melhoria da qualidade acadêmica. Este programa é baseado em princípios de planejamento estratégico, visando a longo prazo a consolidação da universidade como uma instituição de ensino superior de excelência.

A partir da identificação das necessidades, um plano de trabalho foi elaborado, visando a melhoria da qualidade do ensino e da pesquisa. Este plano é baseado em princípios de planejamento estratégico, visando a longo prazo a consolidação da universidade como uma instituição de ensino superior de excelência.

A primeira etapa do plano de trabalho é a identificação das necessidades. Esta etapa é baseada em princípios de planejamento estratégico, visando a longo prazo a consolidação da universidade como uma instituição de ensino superior de excelência.

Em um processo contínuo, as atividades são planejadas e executadas de acordo com o plano de trabalho. Este processo é baseado em princípios de planejamento estratégico, visando a longo prazo a consolidação da universidade como uma instituição de ensino superior de excelência.

As atividades planejadas são executadas de acordo com o plano de trabalho. Este processo é baseado em princípios de planejamento estratégico, visando a longo prazo a consolidação da universidade como uma instituição de ensino superior de excelência.

Os resultados alcançados são avaliados e os planos são ajustados de acordo com as necessidades. Este processo é baseado em princípios de planejamento estratégico, visando a longo prazo a consolidação da universidade como uma instituição de ensino superior de excelência.

S U M Á R I O

| | <u>pg</u> |
|--|-----------|
| . SUMÁRIO | i |
| . RESUMO | ii |
| 1 . INTRODUÇÃO | 01 |
| 2 . DESENVOLVIMENTO | 01 |
| 2.1. Conceitos e Definições | 01 |
| 2.1.1. Gênese histórica da ideologia | 03 |
| 2.1.2. O mito como fonte de ideologia | 11 |
| 2.2. Aplicações | 11 |
| 2.2.1. Cientismo e Tecocracia | 11 |
| 2.2.2. Freud e a Mitologia Sexual Contemporânea | 14 |
| 2.2.3. Marxismo, Filosofia e Ideologia | 19 |
| 3 . CONCLUSÃO | 23 |
| 4 . REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 26 |

SUMÁRIO

| | |
|----|--|
| 22 | |
| 1 | SUMÁRIO |
| 14 | RESUMO |
| 01 | 1 . INTRODUÇÃO |
| 01 | 2 . DESENVOLVIMENTO |
| 02 | 2.1. Conceitos e definições |
| 03 | 2.1.1. Gênesis históricas da ideologia |
| 11 | 2.1.2. O mito como fonte de ideologia |
| 11 | 2.2. Aplicações |
| 11 | 2.2.1. Cientismo e Tecnocracia |
| 14 | 2.2.2. Freud e a Mitologia Sexual |
| 14 | Contemporâneas |
| 19 | 2.2.3. Marxismo, Filosofia e Ideologia |
| 23 | 3 . CONCLUSÃO |
| 28 | 4 . REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS |

R E S U M O

Tanto nos meios populares como universitários, políticos e até mesmo filosóficos existe atualmente uma certa confusão com relação à definição de ideologia.

O poder da propaganda ideológica preocupa a UNESCO desde 1953, quando sugeriu que o ensino da Filosofia objetivasse não apenas a formar filósofos, mas que procurasse atingir a um maior número de pessoas possível. A UNESCO ressalta a tendenciosidade do pensamento ideológico e os benefícios da filosofia para a formação de um senso crítico da sociedade.

Este trabalho se propõe a definir ideologia tendo como base os textos de: Peter Ehlen, Evandro Agazzo, Alberto Caturelli, Wolfgang Röd, Eduardo Abranches de Soveral, e aplicá-la ao cientismo tecnocrático, mitologia sexual e marxismo, atendendo ao apelo da UNESCO, de divulgar os perigos que representam hoje, a ideologização do conhecimento, junto a instituições de ensino, empenhadas na problemática da formação e do progresso.

RESUMO

Tanto nos meios populares como universitários, políticas e até mesmo filosóficas existe atualmente uma certa confusão com relação à definição de ideologia.

O poder da propaganda ideológica pressupõe a UNESCO desde 1951, quando sugeriu que o ensino de Filosofia se justificasse não apenas a formar filósofos, mas que procurasse a clarificar a um maior número de pessoas possível. A UNESCO tentou a tarefa de estabelecer o pensamento ideológico e os benefícios da filosofia para a formação de um senso crítico de sociedades.

Este trabalho se propõe a definir ideologia por de como base os textos de Peter Eimas, Evandro Aguiar, e de Caramelli, Wolfgang Iser, Eduardo Abranches de Soveral, e aplicá-la ao contexto tecnológico, mitológico sexual e econômico, atendendo ao apelo da UNESCO, de divulgar os artigos que representam hoje, a ideologia de conhecimento, tanto a práticas de ensino, esperanças em problemas de ensino não a do progresso.

1. Introdução

O presente trabalho pretende chegar a uma definição de ideologia a partir de sua evolução histórica e da análise das idéias expostas pelos autores: Peter Ehlen, Evandro Agazzo, Alberto Caturelli, Wolfgang Rod, Eduardo Abranches de Soveral.

Julgamos dispensável transcrever as definições apresentadas nos textos parecendo-nos suficiente comparar as definições de filosofia e doutrina com a de ideologia.

Passaremos então na segunda parte, a expor sucintamente o significado e os pressupostos da ciência e das teorias de Freud e Marx pretendendo explicar como se processa a sua ideologização.

Não pretendemos analisar a coerência interna das duas teorias nem chegar a afirmar se alguma delas constitui por si mesma, uma ideologia, mas sim se seus conteúdos e métodos têm servido a objetivos ideológicos e como isso tem sido feito.

2. Desenvolvimento

2.1 - Conceitos e definições

Na opinião de Garcia Morente, só se sabe o que é filosofia quando se é realmente filósofo, pois a filosofia, mais do que qualquer outra disciplina, necessita ser vivida.

Para apenas definir filosofia partiremos de sua etimologia. É formada pelas palavras gregas "philos" e "sophia" que significam "amor à sabedoria".

A filosofia como saber racional é conceito de Platon e Aristóteles. É o conhecimento adquirido racionalmente, mediante o método dialético. Na Idade Média, é a totalidade dos conhecimentos adquiridos pela luz natural ou pela revelação divina. Só mais tarde os conhecimentos sobre Deus e divino formaram a Teologia.

Nesta situação, a palavra filosofia continuou designando todo conhecimento, menos o de Deus.

No século XVII houve a separação das ciências chamadas particulares, aquelas que circunscrevem uma parcela da realidade.

Atualmente podemos conceituar a Filosofia como "a ciência dos objetos do ponto de vista da totalidade"; é o estudo de tudo aquilo que é objeto de conhecimento universal e totalitário.

Caracteriza-se por ser especulativa, crítica e predominantemente teórica; pretende constituir-se um sistema de verdades e visa situar-se no plano da universalidade.

É uma especulação desinteressada que tende à verdade e não ao conveniente.

A doutrina é o ato dinâmico de pensar reflexivo e de ensinar a ciência iluminada pela sabedoria, e não somente a teoria ou contemplação da verdade do ser.

Caracteriza-se por abrigar um corpo de conhecimentos racionais prontos a serem transmitidos. É transcendental e metafísica.

Para conceituar ideologia como é concebida e utiliza

da atualmente, torna-se necessário conhecer os diferentes conceitos e definições apresentados até hoje, uma vez que ela tem sido conceituada através de diferentes ópticas.

2.1.1 - Gênese histórica da ideologia

Historicamente, a ideologia surgiu como uma disciplina filosófica, cujo objeto era a análise das idéias e sensações. Baseado no pressuposto de que todo conhecimento se origina a partir das sensações, afastou-se do conhecimento da metafísica.

Destutt de Tracy lançou as sementes do moderno conceito de ideologia, pois, segundo ele, seria uma ciência fundamental cujo objeto são os conhecimentos, e que pensar é sentir. Neste conceito, a ideologia estaria ligada à gramática geral que se ocupa dos métodos de conhecimento, e à lógica, que trata da aplicação do conhecimento à vida prática.

Esse conceito sofreu uma modificação com Maquiavel que deixou clara a possibilidade de uma distinção entre realidade, especialmente a política, e as idéias políticas.

Em um sentido mais geral, Hegel influenciou o conceito de ideologia que seria, mais tarde apresentado por Marx quando assinalou a possibilidade de um desdobramento de consciência num processo dialético e histórico, reconhecendo uma "consciência separada" e uma "consciência infeliz".

Inspirado, inicialmente, em Hegel mas violentamente em desacordo com seu idealismo, Marx apresentou dois conceitos opostos de ideologia, isto é, a ideologia da classe dominante e a ideologia do proletariado.

Pareto preocupou-se em "desmascarar" a ideologia, mostrando que esta é, sempre, uma teoria não científica, não é uma descrição objetiva da realidade social e sim um conjunto de normas encaminhadas para a ação.

Em Max Scheler encontramos uma relação com a situação social e histórica, e Karl Mannheim tratou as ideologias como reflexos de uma situação social que ocultam e revelam.

Para o positivismo de Geiger, de certa forma de acordo com Destutt de Tracy, o conceito de ideologia é baseado no critério científico-empírico.

Estes são os aspectos históricos que nos parecem suficientes para iluminar a classificação de ideologias apresentada por Ehlen.¹

Referindo-se aos diferentes sentidos de ideologia, diz que ela pode ser apresentada como:

- um erro condicionado por interesses;
- um conceito geral neutro para todos os conjuntos de pensamento relacionados com a ação político-social;
- qualquer entrosamento de idéias determinado por valores.

Baseado nestes critérios agrupa as ideologias em marxistas, sociocientíficas e neopositivistas.

1. O grupo neopositivista, partindo de uma idéia de realidade objetiva, pensa que apenas proposições

1. EHLEN, Peter. O Cristianismo: Cosmovisão? Ideologia? ou o que afinal? In: Pensamento total e parcial São Paulo, Loyola, 1977, pp. 133 a 136.

que podem ser controladas na realidade espaço-temporal são cientificamente justificáveis.

Juízos de valor e conteúdos de fé religiosa são ideologias porque não podem ser fundamentados de modo empírico-científico e, portanto, não têm sentido.

2. A sociologia da ciência (Mannheim) quer revelar a dependência de todo pensamento, da realidade vital-social dada previamente. Apoia seu conceito de ideologia no relativismo universal. Exige que o conceito de ideologia possa ser aplicado, sem julgamento de valor, a todas as interpretações do "ser". Qualquer visão do "ser" é dependente do próprio "ser" e cada visão é igualmente certa e igualmente falsa.

3. O conceito marxista define todas as manifestações de vida que caracterizam o homem como homem, como procedentes do ato básico do trabalho. Para Marx, são ideológicas as formas de consciência que não querem admitir a própria dependência, julgando representarem uma idéia supratemporal. É uma "falsa consciência" característica da sociedade de classes, onde a "classe dominante" estabelece um "sistema de idéias dominantes" ou ideologia.

Admite, ainda, a ideologia do proletariado que é a consciência ou concepção de mundo dessa classe e que deve ser utilizada como instrumento de luta, considerando esta ideologia como "a de toda

humanidade futura".

As idéias de Marx serão mais exploradas na segunda parte deste trabalho.

Vemos então, a ideologia, vista inicialmente como parte da filosofia, ir aos poucos dela se desinserindo, enquanto se vincula cada vez mais com a sociologia e, principalmente, com a política.

O conceito moderno de ideologia, nas muitas definições que têm sido propostas, será melhor compreendido estabelecendo-se um confronto com os conceitos de Filosofia e Doutrina.

De acordo com Caturelli² a ideologia é produto da degradação da doutrina filosófica através de sua redução gradual a uma estrutura formal sem conteúdo metafísico.

A doutrina filosófica passou a ser ideologia (no primeiro sentido que o termo teve) e para os ideólogos somente teria validade na medida que era útil para uma finalidade prática. Sua própria gênese histórica demonstra este processo.

Caturelli reconhece a dificuldade em estabelecer limites exatos entre ideologia e doutrina. Passaremos então a expor um conceito de ideologia que pretende ser um denominador comum das definições e características apresentadas pelos diversos autores estudados. Os quadros I e II mostram a análise

2: CATURELLI, Alberto. El marxismo como ideologia e filosofia. In: Pensamento total e parcial. São Paulo, Loyola, 1977.

se feita para chegar à síntese que se segue.

A ideologia é um corpo de teoria que exprime idéias selecionadas, com base em interesses e/ou valores de um grupo e que visa justificar normas de conduta e uma ação imediata para instituir, ou manter ou modificar sistemas de relações econômicas, sociais e políticas e que pretende constituir-se em mentalidade coletiva predominante.

Caracteriza-se por uma visão parcial da realidade, pretendendo ou julgando que ela seja uma verdade total. Cinge-se à área de sua vigência social e expressa suas teses através de "slogans" e estereótipos.

Justapondo-se os conceitos em quadros poderemos ressaltar as diferenças entre ideologia e filosofia e ideologia e doutrina.

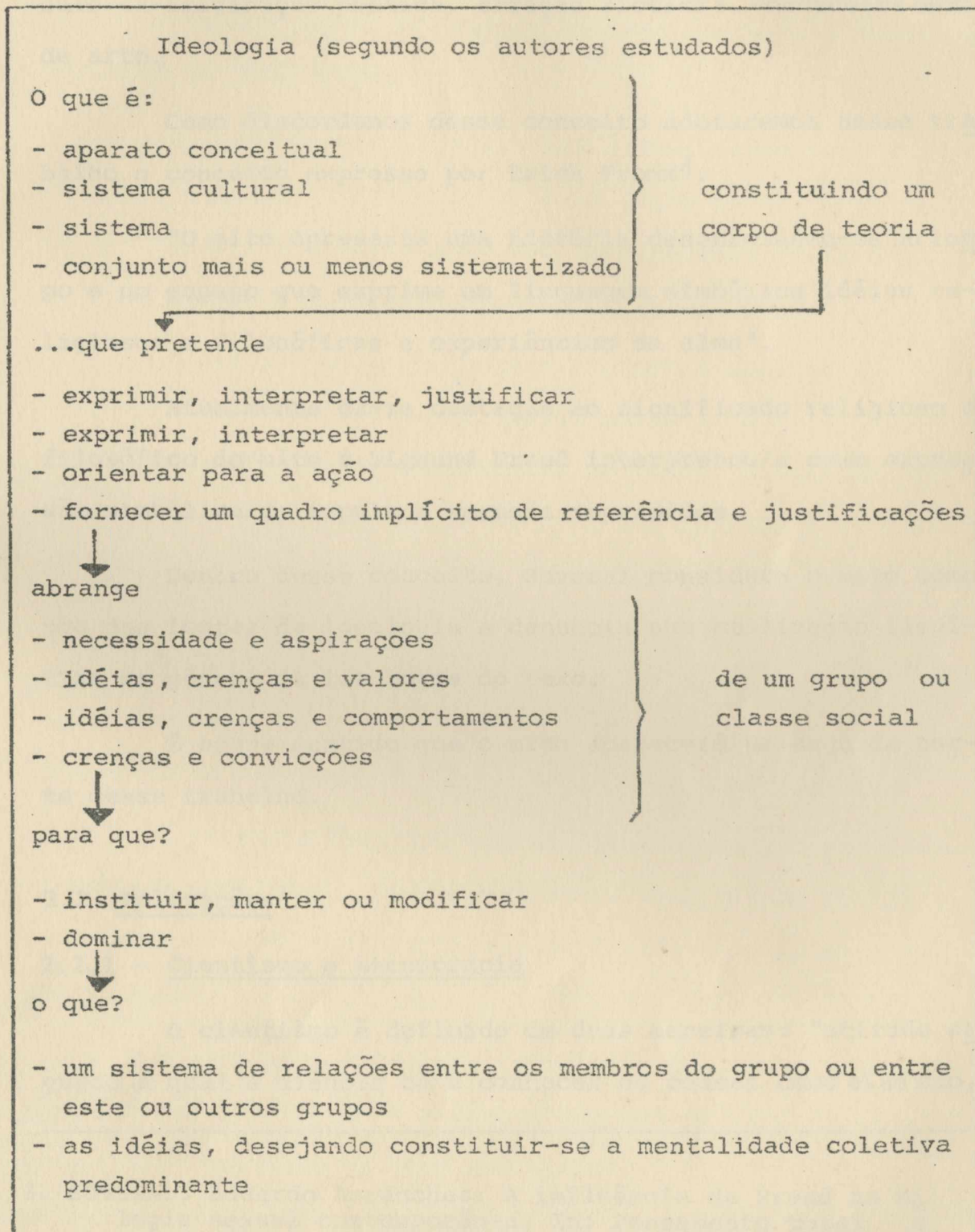
| FILOSOFIA | IDEOLOGIA |
|--|--|
| <ul style="list-style-type: none"> - Conhecimento da verdade total - Sistema de verdades - Eminentemente teórica - Crítica e fundamentadora - Situa-se no plano da universalidade - Especulação desinteressada | <ul style="list-style-type: none"> - Absolutização de uma verdade parcial em função da prática - Sistema de crenças e convicções - Predominantemente prática - Inconsciente da deformação e limitação - Fechada na historicidade cingindo-se à área de sua vigência social - Voltada para objetivos imediatos baseados em interesses |

| DOCTRINA | IDEOLOGIA |
|--|--|
| <ul style="list-style-type: none"> - Contemplativa - Busca o sentido - Exalta os valores do espírito - Transcendente | <ul style="list-style-type: none"> - Ativa - Busca a eficácia - Exalta os valores sensivelmente empíricos - Imanente |

QUADRO COMPARATIVO DOS DIFERENTES CONCEITOS DE IDEOLOGIA

| <u>Henrici (Gallarate)</u> | <u>Cotta</u> | <u>Agazzi</u> | <u>Soveral</u> | <u>Caturelli</u> |
|---|--|---|---|--|
| <p>Aparato conceitual que exprime, interpreta e justifica as necessidades e aspirações coletivas de um grupo visando instituir, ou manter ou modificar um determinado sistema de relações (econômicas, sociais, políticas) seja entre os membros do próprio grupo, seja entre este e outros grupos.</p> <p><u>Caracteriza-se</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - pela absolutização de uma verdade parcial - pelo poder das palavras (logocracia) - pela violência e vontade de predomínio. | <p>a) Sistema cultural que exprime e interpreta idéias, as crenças e os comportamentos típicos pertencentes a um determinado período do histórico. (teórico)</p> <p>b) Sistema de idéias, crenças ou valores orientados especificamente para a ação. (pragmática)</p> <p><u>Caracteriza-se</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - por ser uma visão de mundo - totalizadora e fechada - com fundamento e finalidade operacionais - fechada na historicidade. | <p><u>Caracteriza-se</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - fornecer uma visão totalizadora da realidade - permitir uma aplicação prática e imediata - fornecer um quadro implícito de referências e justificações teóricas (especialmente no âmbito dos comportamentos sociais) - estar inconsciente da deformação dogmática - intolerância - "não-falsificabilidade". | <p>Conjunto mais ou menos sistematizado de crenças e convicções vigentes em determinada sociedade, cujo dinamismo é englobante no sentido de estar potencialmente aberto à totalidade do real e desejar constituir-se a men talidade coletiva predominante.</p> | <p><u>Caracteriza-se</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ser ativa, não contemplativa - buscar a eficácia, não o sentido - exaltar os valores sensíveis-empíricos e mundanos - ser imanente - expressar suas teses em "slogans". <p><u>Sentidos Marxistas</u></p> <p>1. A ideologia é a "falsa consciência" da classe dominante que permite que ela exerça o poder material e o poder espiritual. As idéias dominantes são as idéias das classes dominantes</p> <p>2. A ideologia do proletariado visa emancipá-los da exploração. É uma consciência de classe</p> |

QUADRO II



2.1.2 - O mito como fonte de ideologia

O mito é conceituado por Eduardo do Soveral³ como produto da imaginação poética, criação fictícia, verdadeira obra de arte.

Como discordamos desse conceito adotaremos nesse trabalho o conceito expresso por Erick Fromm⁴.

"O mito apresenta uma história desenrolando-se no tempo e no espaço que exprime em linguagem simbólica idéias religiosas e filosóficas e experiências da alma".

Atualmente dá-se destaque ao significado religioso e filosófico do mito e Sigmund Freud interpretou-o como expressão simbólica de impulsos sexuais reprimidos.

Dentro desse conceito, Soveral considera o mito como uma das fontes da ideologia e denuncia sua utilização ilegítima na gênese da ideologia do sexo.

É nesse sentido que o mito aparecerá na segunda parte desse trabalho.

2.2. Aplicações

2.2.1 - Cientismo e tecnocracia

O cientismo é definido de duas maneiras: "atitude segundo a qual a ciência dá a conhecer as coisas como elas são,

3. SOVERAL, Eduardo Abranches. A influência de Freud na mi-
logia sexual contemporânea. In: Pensamento total e
Parcial. São Paulo, Loyola, 1977.

4. FROM, Erich. A linguagem esquecida, Rio de Janeiro, Za-
har. 1969, pp.144

resolve todos os problemas reais da humanidade e é suficiente para satisfazer todas as necessidades legítimas da inteligência humana" e ainda "uma atitude segundo a qual os métodos científicos devem ser estendidos sem exceção a todos os domínios da vida humana".⁵

A leitura dessas definições é suficiente para evidenciar seu conteúdo ideológico e vamos então passar a examinar de que maneira a ciência pode ser transformada em cientismo, isto é, pode ser ideologizada.

A atitude da Ciência moderna, sem o radicalismo que caracterizou a atitude positivista, não afirma a totalidade de seu conteúdo, tendo consciência de fazer "discursos circunscritos". Reconhece os limites da sua abrangência quando afirma que se refere a "certas propriedades e fenômenos" sendo ignorados outros fenômenos e propriedades; admite a existência de fenômenos emergentes com relação a outros e por isso não podem ser cientificamente explicados, por não serem passíveis de redução.

Controla e verifica não só suas afirmações como seus critérios empíricos, fundamentando-se sempre numa teoria que se apóia em evidências empíricas analisadas e interpretadas pela razão.

Aceita toda e qualquer evidência que possa ser comprovada por seus métodos e admite reexaminar e modificar seus postulados com base em tais evidências.

5. Novo dicionário de língua portuguesa. Aurélio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975.

Exige que qualquer comunicação científica possa ser verificável por qualquer cientista repetindo os métodos usados e exige ainda a prova de resistência à falsificabilidade.

Essas são as características da Ciência mas nem sempre são encontradas nos homens da Ciência.

A contaminação da atitude científica pela atitude ideológica é fácil compreender. A Ciência e a tecnologia ocupam hoje no mundo um "status" privilegiado e seus "sacerdotes" são elementos imprescindíveis aos governos que lutam por uma hegemonia. A corrida armamentista, a corrida espacial, a guerra bacteriológica e mais ainda, a necessidade que têm os governos de justificar seus comportamentos tem levado muitos cientistas a colocarem seus conhecimentos a serviço da ideologia política.

Mas a própria Ciência pode sofrer uma deformação ideológica a partir do momento em que deixam de ser reconhecidos os limites de seus conhecimentos e do seu método.

Um dos pontos mais vulneráveis para que isso aconteça é, a nosso ver, a relatividade do dado científico, por ser baseado em evidências empíricas obtidas através de instrumentos ainda mais relativos. Esta relatividade instrumental, diz respeito, não só a sua seleção, que depende muitas vezes de cada ramo da Ciência, mas principalmente às suas imperfeições que podem induzir a uma distorção do real.

A inconsciência ou mesmo a falta intencional de consciência dessa relatividade de conteúdos e métodos pode levar a uma totalização do parcial que é então apresentada como justificação científica de uma práxis. Esse dogmatismo cien

tífico é particularmente perigoso pois se apresenta sob a capa respeitável da Ciência e logo constatamos agregado a ele todas aquelas características menores da ideologia.

A tecnocracia pode ser entendida como uma consequência da ideologização da Ciência. Ela também totaliza o parcial quando afirma que as únicas soluções para os problemas do mundo moderno são as tecnológicas. Com isso vem colocando o homem a serviço da máquina em vez do inverso e não são poucas as previsões sombrias de um mundo dominado pela tecnocracia.

2.2.2 - Freud e a mitologia sexual contemporânea

A doutrina freudiana tem sido denunciada como uma fonte de ideologia, principalmente por fornecer elementos que modificaram a mitologia sexual do ocidente.

Situando-se inicialmente no plano científico e logo se difundindo junto ao grande público provocou enorme impacto social.

Passaremos então a descrever sucintamente as linhas básicas da doutrina freudiana para então tentarmos identificar nela os elementos que se prestam à ideologização.

A Psicanálise é descrita como um "corpo de doutrina" tendo sido inicialmente um método de exploração do inconsciente.⁶ Como qualquer outra doutrina científica, deu ori-

6. MIRA y LOPES. Fundamentos da Psicanálise. Trad. Joubert J. Barbosa. Rio de Janeiro. Científica.

gem a certas teorias que se derivam de seus dados de observação e que procuram ordenar e explicar esses dados. O que chamamos de teoria psicanalítica é, portanto, um corpo de hipóteses a respeito do funcionamento e do desenvolvimento da mente do homem, hipóteses estas que adquiriram credibilidade à medida que as observações feitas e as curas obtidas vêm reforçá-las.

A teoria psicanalítica se refere tanto ao funcionamento da mente normal como da mente patológica e está estabelecida através de seus princípios que passaremos a expor:

1º) Princípio do determinismo psíquico

O fenômeno psíquico é um elemento de uma série causal, encontrando-se assim determinado. Possui significado, intenção e motivação.

2º) Princípio da transferência afetiva

A carga afetiva tem existência autônoma: preexiste e sobrevive à idéia ou dado gnóstico que aparentemente a determina, mas que serve apenas de suporte circunstancial. O potencial afetivo pode deslocar-se de um para outro tema, causando atitude de atração ou repulsão por objetos aparentemente neutros. (Fobias, p. ex.).

3º) Princípio de pandinamismo psíquico

A vida psíquica é um perpétuo devenir de uma corrente energética que, encontrando obstáculos, concentra-se e ganha exagerada tensão, até saltar por cima deles ou soterrá-los por elaboração secundária: sublimação, projeção, racionalização, etc.

49) Princípio de repressão ou censura

O esquecimento é devido à poderosa ação inibido ra exercida pela repressão que é um processo ativo que expul sa violentamente do consciente qualquer recordação, com in tensividade tanto maior quanto mais penosa é esta lembran ça. É a mesma força que se opõe à recordação. A triagem do que deve ser reprimido é feito pela censura ou instância da consciência pessoal de tudo que não se ajusta às normas mo rais que derivam da coação social.

59) Princípio da divisão tripartida da personalidade

Id - Impulsos primários de fundo orgânico obedecendo a duas classes de instintos ou impulsos:

- Tânicos ou destruidores - impulso de morte
- Eros ou libido - impulso de vida

Ego - Este setor da personalidade orienta-se por uma fria moral utilitária, derivada paulatinamente da ação corretora e modeladora da experiência e da educação.

Superego - Derivado de id em virtude de processo secundário de reversão (introjeção) que se dirige contra o próprio indivíduo. Sua função é velar pelas relações entre o id e o ego, prevenindo o ego dos perigos de dar entrada a impulsos recalcados do id. Quem reprime é o ego, mas sob o comando do superego.

Esta estrutura se completa até os cinco anos aproximadamente e foi enunciada por Freud como uma terceira hipóte se da organização mental.

Anteriormente já havia apresentado uma hipótese topo

gráfica que é a mais conhecida pelos leigos situando três processos mentais estáticos: consciente, pré-consciente e inconsciente.

O inconsciente constitui a maior parte da estrutura mental e seus pensamentos são desconhecidos do consciente.

O pré-consciente jaz logo abaixo do consciente e seus pensamentos podem ser lembrados em circunstâncias adequadas.

O consciente compreende os pensamentos de que temos noção.

69) Princípio de auto-composição

Os três núcleos energéticos citados acima são mantidos em equilíbrio por mecanismos de compensação já citados no 3º princípio.

Ao aplicar estes princípios que são movidos pelos impulsos básicos de Tanos e Eros, Freud realizou inúmeras curas de neuróticos e histéricos que ele narra em sua obra.

Entre seus escritos está a teoria da libido que chocou e escandalizou, não só a leigos mas principalmente à própria classe médica, que a rejeitou violentamente.

É na teoria da libido que se encontram os elementos mais discutidos por apresentar teses que iam de encontro à moral da época.

Ela postula a existência de sexualidade infantil dividida em fases, compondo uma história sexual cujo núcleo é o Complexo de Édipo.

Essa invocação de mito com a interpretação da sua linguagem simbólica feita por Freud é considerada por muitos como uma das maiores contribuições à psicologia moderna, não só em relação a esse mito em particular mas também em relação à linguagem simbólica dos sonhos e do comportamento humano.

A mitologia sexual na época em que as idéias de Freud se difundiram eram referidas a um modelo cristão, seguido por uns por convicção, adotado por muitos por conveniência e, muitas vezes, servindo apenas de fachada respeitável para encobrir a realidade.

Não é de admirar que neste contexto, semelhantes teorias tenham inicialmente causado choque e escândalo. Mas que destino tiveram essas idéias tão radicais e críticas?

O fato é que o movimento psicanalítico, ridicularizado e atacado nos seus primeiros vinte anos de existência, passou a ser acatado pela psiquiatria, aceito por muitos cientistas sociais e popularizado por muitos escritores.

Mas o próprio êxito da psicanálise contribuiu para sua deterioração em ideologia tornando-se um substituto do radicalismo político ou religioso. Seus adeptos passaram a utilizá-la como uma filosofia geral de vida embora Freud negasse tal intenção. Chegou-se a acreditar que a psicanálise resolveria todos os problemas.

De toda a vasta contribuição de Freud foram selecionados certos aspectos, notadamente da teoria da libido, para criar uma nova mitologia sexual onde os "prazeres do espíri-

to" foram considerados ultrapassados e substituídos pelos "prazeres da carne" e onde a terminologia técnica da psicanálise passou a constituir um jargão ideológico onde Repressão, Complexo, Recalque aparecem frequentemente acompanhado dos respectivos estereótipos: não se deve contrariar para não recalcar, qualquer limitação da liberdade produz neuróticos, a punição (por mais justa e aplicável) produz complexados...

Mas isto não diminui a importância da obra de Freud que a despeito das deficiências da teoria tem o indiscutível valor de ter afastado os véus do preconceito e ter proporcionado uma nova visão para uma compreensão sadia da nossa vida sexual.

2.2.3 - Marxismo: filosofia e ideologia

O marxismo designa um amplo movimento de idéias que se estende desde a Filosofia até a Política, sendo invocado tanto por filósofos liberais e humanistas como por ditadores. Para se poder formar uma idéia nítida, embora rápida, das teorias que deram origem a uma das ideologias mais discutidas e importantes do nosso tempo, convém examinar os pressupostos básicos do marxismo.

Apresentado em sua visão clássica como uma filosofia política, na realidade abrange o que hoje chamaríamos de Ciência Política, Psicologia Social, Economia, Sociologia, etc.

Pretende ser uma visão: da estrutura da sociedade em todas as suas esferas, da mecânica da história dessa sociedade e dos papéis dos indivíduos em todas as suas nuances psi-

cológicas, de modo a formar um modelo funcional dessa sociedade. Usou então esse modelo para desenvolver várias teorias sobre o que está acontecendo dentro dela e o que iria acontecer a ela.

Marx adotou a posição de que a História é a base de todos os estudos bem conduzidos do homem e da sociedade e interessou-se pelas tendências da sociedade capitalista do século XIX, projetando essas tendências de modo a formar uma imagem de um futuro provável.

Afirmou que todas as manifestações de vida que caracterizam o homem procedem do ato básico do trabalho relacionado com um objeto e são modalidades dele.

Sua visão de homem é materialista, segundo uns, humanista segundo outros. Considera o homem um ser genérico que tem necessidades materiais e por isso trabalha. Não é a consciência do homem que determina seu ser; é o seu ser social que determina sua consciência.

As mais importantes contribuições e proposições do marxismo clássico podem ser assim resumidas:

A base econômica de uma sociedade determina sua estrutura social como um todo, bem como a psicologia das pessoas que nela vivem. A luta de classes entre os donos dos meios de produção e os trabalhadores é um reflexo social, político e psicológico de conflitos econômicos objetivos e é condição normal e inevitável na sociedade capitalista. A propriedade como fonte de renda é o critério objetivo de classe: dentro do capitalismo, as duas classes básicas são

os proprietários e trabalhadores e estes últimos não podem fugir de sua condição de explorados e de seu destino revolucionário para conquistar direitos e privilégios. A estrutura de classes se tornará cada vez mais polarizada e a miséria dos trabalhadores aumentará, bem como sua alienação.

A dinâmica da transformação histórica é o conflito entre as forças de produção e as relações de produção. A sociedade capitalista é envolvida por crises econômicas sucessivas, que se agravam sempre, aproximando-se assim a revolução do proletariado. Pelo fato de a estrutura social ser determinada pelas suas bases econômicas o curso da história também é determinado por modificações nesta base econômica. A seqüência de épocas não é contínua nem se dá através de pequenas modificações graduais. Ele se dá dentro de um modelo dialético sofrendo rupturas que se originam na luta de classes, que anula e destrói o primeiro momento (tese) enfrentando o seu oposto (antítese), chegando a uma síntese que é o momento lógico de uma nova tese. Dessa maneira se chegará à sociedade sem classes.

Dentro dessa ótica a realidade é uma contradição e não se trata de interpretá-la, mas sim de transformá-la.

Não faz parte dos objetivos deste trabalho analisar a coerência interna das proposições marxistas. Isto tem sido feito por especialistas e é feito no texto de Caturelli. Analisaremos à luz das definições de filosofia e ideologia.

Parece-nos que a concepção de homem como é apresentada por Marx evidencia uma visão parcial, pois o vê apenas como "homo oeconomicus".

Assim também sua visão de mundo é limitada pela base econômica, ignorando outras forças que atuam na sociedade. "Seu modelo geral de sociedade tem seu mérito mas é inadequado e incompleto. Só se pode usá-lo com grande dificuldade intelectual e com duplo sentido. É um ponto de partida e não uma visão acabada dos mundos sociais.⁷

Essa visão parcial de homem e de mundo é suficiente para criticá-la como filosofia, impedindo de aceitá-la como tal. O próprio Marx ao dizer: "- Os filósofos apenas interpretam o mundo de maneiras diferentes; é preciso, agora, transformá-lo" - definiu claramente sua posição de não filósofo e preconizou uma práxis. Marx e Engels advogavam um amplo entrosamento da teoria com os proletários, pois, diziam, "nada é mais ridículo do que uma idéia isolada de interesses concretos."

O marxismo, porém, apenas começou com Marx. Pensadores e políticos posteriores usaram, revisaram e desenvolveram suas idéias expondo novas teorias e ideologias.

Pela sua natureza revolucionária e parcial, o marxismo foi presa fácil para uma ideologização. Forneceu um referencial teórico que tem servido de justificativa para a escravização de povos inteiros sob o pretexto da "libertação do proletariado" e abundante material para "slogans" e "clichês" a serviço de uma enorme e complexa propaganda, que se adapta a qualquer acontecimento, real ou imaginário, a políticas e fal

7. MILLS, Wright C. Os Marxistas. Rio de Janeiro, Zahar, 1968. pp. 137-138.

ta de políticas, a governos democráticos ou totalitários. Onde houver uma reivindicação justa ou demagógica, lá estão os conhecidos "slogans" aproveitando a oportunidade.

É interessante observar que Marx apresentou dois diferentes conceitos de ideologia: a "má ideologia" derivada da falsa consciência da classe dominante e a "boa ideologia" do proletariado destinada a se tornar a ideologia de todas as classes.

Os ideólogos marxistas atuais inverteram a situação; hoje, no bloco soviético, a classe dominante é a do proletariado, que mais que dominante é escravizadora. "No folclore do comunismo, a URSS é o Grande Passo à Frente no século XX"⁸ e os países capitalistas são o Inimigo.

Na realidade, da obra clássica de Marx o que é lembrado frequentemente é o Manifesto Comunista que pelo seu tom revolucionário se ajustou maravilhosamente aos objetivos ideológicos.

3. Conclusão

Cada homem tem sua visão de mundo, sua cosmovisão. No seu desenvolvimento adquire esta visão de mundo através de suas idéias e entra em contato com as idéias dos outros, afirmações sistematizadas sobre o mundo, a finalidade da história, o sentido da vida.

De acordo com Peter Ehlen⁹ "uma cosmovisão oferece

8. MILLS, Wright. Op. cit.

9. EHLEN, Peter. Op. cit. pp. 131-132.

uma disposição básica na qual percebemos o mundo e a existência própria"... formando juízos e tomando decisões. Fornece um quadro de orientação para a compreensão da própria existência do mundo de cada ser, incluindo uma atribuição de sentido e uma posição de valor.

Mas o homem é um ser imperfeito e complexo. É ser biológico e espiritual. Vive num mundo que apela mais para a matéria do que para o espírito e que exige que ele lute diariamente pela sobrevivência aprisionando-o à sua natureza material. Envolve-o numa teia de propaganda e impinge-lhe valores que ele não tem tempo de questionar diante da avalanche diária.

Além disso "sua razão é fraca e falsificadora, como um espelho torto que distorce a imagem das coisas" (Bacon).

Poderá esse homem alcançar a verdade total?

Não será antes regra que exceção, no processo histórico transformarem-se idéias em ideologias? Simples palavras tomam lugar da realidade e são manipuladas para controlar as pessoas e proporcionar poder e influência. O resultado é que a ideologia, usando ainda as palavras da idéia original, acaba distorcendo-a e até expressando uma idéia oposta. Isso tem ocorrido com grandes idéias filosóficas e religiosas. Por outro lado, há o risco do movimento de desmitificação das ideologias transformar-se numa "caçada às bruxas", deixando de ser um mecanismo de defesa natural para transformar-se, por sua vez, em ideologia.

Como diz Henrici "poder-se-ia dizer que as ideologias antigas ainda influem sobre as massas, enquanto a suspeita de

ideologia é a ideologia dos intelectuais."

As ideologias estão mais ao alcance do homem comum do que a filosofia que ele não compreende bem e por isso aceita partes da verdade como a própria verdade e sua visão limitada de mundo como cosmovisão.

Mas também é da sua natureza interrogar e especular e ele procura a verdade total buscando-a através da filosofia e da religião.

1 - MARX, Karl. Das Kapital. São Paulo, Abril, 1970.

(Os Paneadores)

2 - LAOSSAUS, Stanislaw. Przewidywanie przyszłości. São Paulo, Loyola, 1977.

3 - MARX, Karl. Manuscritos econômico-filosóficos. São Paulo, Abril, 1979. (Os Paneadores)

4 - MILLER, Charles Wright. Os marxistas. Trad. Valter de Souza. Rio de Janeiro, Topos, 1968.

5 - MARX Y ENGELS, Cartas. Trad. João de Deus. São Paulo, Alfa, 1968.

4 . Referências Bibliográficas

- 1 - FERRATER MORA, José. Dicionário de Filosofia. Buenos Aires, Sudamerica, 1968.
- 2 - FREUD, Sigmund. Cinco lições de psicanálise; A história do movimento psicanalítico; O futuro de uma ilusão; O mal estar da civilização; Esboço de psicanálise. Trad. Durval Marcondes. São Paulo, Abril, 1978
(Os Pensadores)
- 3 - LADUSÃNS, Stanislavs. Pensamento parcial e total. São Paulo, Loyola, 1977.
- 4 - MARX, Karl. Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos. Trad. José Carlos Bruni. São Paulo, Abril, 1978. (Os Pensadores)
- 5 - MILLS, Charles Wright. Os marxistas. Trad. Waltensir Dúdra. Rio de Janeiro, Zahar, 1968.
- 6 - MIRA y LOPES, Emilio. Os fundamentos da psicanálise. Trad. Joubert T. Barbosa. Rio de Janeiro, Ed. Científica, 1960.

Referências Bibliográficas

1 - FERRATER MORA, José. Dicionário de Filosofia. Buenos Aires, Sudamericana, 1968.

2 - FREUD, Sigmund. Cinco lições de psicanálise: A história do movimento psicanalítico; O futuro de uma ilusão; O mal estar da civilização; Espaço da psicanálise. Trad. Durval Marcondes. São Paulo, Abril, 1976 (Os Pensadores)

3 - LADUSŃSKI, Stanisław. Fenomeno psíquico e social. São Paulo, Loyola, 1977.

4 - MARK, Karl. Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos. Trad. José Carlos Bruni. São Paulo, Abril, 1978. (Os Pensadores)

5 - MILLS, Charles Wright. Os marxistas. Trad. Walter Dória. Rio de Janeiro, Zahar, 1968.

6 - MIRA Y LÓPEZ, Emilio. Os fundamentos da psicanálise. Trad. Joseph T. Barboza. Rio de Janeiro, Ed. Científica, 1966.



90
Reg: 2445